

# MANGUEBEATNIK

“Emoções baratas”

um **contensaio** de **Moisés Neto**

- Tédio! Eis porque fazíamos tudo aquilo: puro tédio!
- Eu tinha uma proposta...
- Ah, é? Qual era? Ficar chapado. Bem chapado. Não era ? Uaaaaaaau!
- Lembra a primeira vez que viemos neste bar?
- Foi a primeira vez que eu vi a serra das Russas. Um barato.
- Estava chovendo. Igual a hoje.
- Sim e nós quatro estávamos indo exatamente para Fazenda Nova, como estamos fazendo agora. Só que era para uma festa e agora é para um funeral.
- Pobre Daniel. Os leões não o pouparam desta vez. Mas pelo menos ele morreu chapado.
- Sim. Foram várias cervejas e ele morreu nos braços de quem amava e trepando!
- Aquele safado. Morreu me devendo mil dólares. A grana que eu ia usar em Amsterdã.
- Parece a morte do Neal Cassady...
- Lembra quando fundamos nosso primeiro grupo?
- Eu tinha 17 anos e tinha acabado de ler ***On the Road, O Uivo e Naked Lunch!***
- A gente curtia Led Zeppelin pra caralho. Janis Joplin, Deep Purple, Nazareth, a porra!
- O jazz, as drogas, as viagens, as iluminações beat. Éramos como uma nova espécie de anjos...
- Não exagera, cara!
- Nossa alma era múltipla e densa, como um solo de guitarra de Jimmy Page! Afiada como a voz de Robert Plant! Ou um solo de Charlie Parker. Lembra do filme Bird?
- Do mesmo diretor do filem *The Wall*. Não foi? Do **Pink Floyd**?
- Acho que não. Que importa?
- E agora nós quatro bem aqui onde quase tudo começou...
- Só falta o quinto mosqueteiro...o Daniel, my brother...(começa a cantarolar a música “Daniel”)
- Não! **Elton John**, não. Please.
- “When are you gonna come down? When are you going to land? I should have stayed on the farm. I should have listened to my old man. You know you can hold me forever I didn’t signe up with you!”
- Oh yeah,man! The yellow brick road. The long and winding road...
- E aquele dia de *Lucy in the sky with diamonds?*
- Beat...Beatles...os beatles eram beatniks. **Bob Dylan** era beatnik.
- Delinquência, orgias. O consumismo materialista não saciava a nossa fome. Eu queria ser escritor e já tinha lançado um livro pelas edições Piratas.
- Lembra do dia em 77 quando chegou o disco do **Sex Pistols**?
- Cara, eu pirei com aquele som. O Burroughs mandou uma carta para eles, elogiando o trabalho dos caras.
- Acho melhor a gente esperar esta chuva passar.

- Também acho.
- Garçom, traz mais duas! E coloca este CD, por favor.
- Que CD é este?
- **Coltrane**.
- A gente tinha ideologia. A gente pensava. Tinha, mesmo dentro daquela porra de ditadura, mais liberdade do que a gente tem hoje. Essa juventude de hoje é muito careta.
- E a meditação? As dicas que Augusto dava pra gente? Ele traduziu **Gary Snyder** pra gente.
- Kerouac queria ver o rosto de Deus...morreu em 69! Tinha encaretado? Sei lá. Vivia na casa da mãe. Hemorragia estomacal...Ginsberg bateu as botas em 97 e Burroughs ainda tirou onda com **Sting** e o **U2**.
- A visão desses caras iluminou nosso caminho. Não foi?
- Não seja tão sentimental, cara. Isso não leva ninguém a lugar nenhum.
- Destruir a literatura acadêmica, as generalizações taxativas, a linguagem dos certinhos...
- Minha vida é bem parecida com a de **Gregory Corso**...
- Eu sei um pedaço de um poema dele decorado...
- Você mistura poemas dos outros com os seus...
- É assim: “Parado na luz fria da rua deserta/ Olho pra cima pra minha janela, ali nasci/As luzes estão acesas; outras pessoas andam por lá/ Estou vestindo jeans, cigarro na boca/ Cabelos nos olhos, mão na garganta./Atravesso a rua e entro no prédio./As latas de lixo continuam cheirando mal”. *Casa Natal Revisitada*, Gregory Corso, um beatnik do caramba!
- A vida me transformou num poeta. É o poeta e não o poema que deve se transformar numa obra de arte.
- Eu era um HIPSTER... uma geladeira pifando que funciona com barulho, calor e incrível violência apenas para manter a sua finalidade que era manter-se fria...É preciso manter-se frio e tentar salvar o motor.
- Sempre achei que você tinha cara de geladeira doida
- Vai pro inferno! Vamos brindar ao Daniel! Garçom: bota a faixa número 7. Por favor. Ele adorava esta música. Ele tentou ficar frio
- Como a geladeira doida...
- É. Mas o motor dele pifou
- Motor de máquina velha quando pifa, é fogo.
- Ei, cara.
- ã...?
- Tem uma remela no teu olho e estás com uma cara de ressaca da murrinha! Vai no banheiro e vê se dá um grau, falou? Vamos chegar no enterro do Daniel com a cara limpa.
- Pacifistas, anarquistas, zen bundistas...
- Bundistas desbundados...
- Pluralismo cultural, sexual, individual. Um basta aos mitos do progresso. Queríamos um novo tipo de família relaxada e festiva!
- O mundo exterior não se altera se continuarmos os mesmos. Depois do que fizemos, revolução no Brasil, pra quê?
- Malditos autômatos.

- E essa porra de Mangubeat? Cadê? E o teu livro? Vendeu tudo em três meses. E daí? Eu soube que o Fred reclamou de um lance...
- Mangubeat ou Beat? Fenômeno comportamental, musical ou literário?
- Só um esquizofrênico divide arte da vida.
- Pelo menos Chico rompeu com aquela caretice de Geraldo Azevedo e aquelas *morenas tropicanas* na tarde de domingo azul nas praias encoqueiradas de Alceu Valença. Que saco. Vou tomar dois goles de uma vez por causa disso.
- Falando sério: por que você escreveu aquele livro sobre **Chico Science**?
- Porque eu quis. Merda. Eu conheci o cara. Eu achei legal tudo que ele fez. Aquilo foi beatnik puro. Foi como a cena da Califórnia nos anos 60 ...The Doors, essas coisas. Vocês mesmos iam aos shows também. A gente se encontrava na Soparia. Agora é que dez anos depois ficam tirando onda com a minha cara.
- Liga não. Acho até que Chico era uma espécie de ...não riam! Profeta contra a repressão: Afrociberdelia!
- Se os beatniks tiveram que enfrentar o **Macarthismo**, nós tínhamos a herança maldita do governo militar a assombrar nossa geração, nossas vidas e até a nossa arte! Mangubeatnik: a marijuana é uma panacéia pacifista.
- A arte é vida. Chico curtiu a vida. E fez sucesso quase imediato.
- No meio do axé, do brega, sertanejo...Voz própria sem concessão demagógica. Estabeleceu-se uma verdadeira comunicação por necessidade inconsciente e coletiva. Abalando os hábitos esterilizantes dos amadores solitários e sacudindo a massa. Um **hipster**: típico das esquinas, dos bares, das festas, uma criatura dos aglomerados humanos enlouquecidos
- Só falta dizer que ele era um novo **Rimbaud**. Faça-me o favor...
- Eu dei uma lida em tudo isso ultimamente e me pareceu bastante vazio. Não acredito que o Mangubeat vá virar história. Ele já parece ter chegado a um ponto de refluxo.
- “Qual a sua estrada, homem? – a estrada do místico,/a estrada do louco, a estrada do arco-íris, a estrada da droga, qualquer estrada...Há sempre uma estrada em algum lugar, pra qualquer pessoa, em qualquer circunstância”, um brinde ao Neal Cassady!
- Um brinde! Aquele é outro: morreu chapado e só perto dos trilhos do trem.... Será que foi suicídio?
- Foi o que eu me perguntei a respeito do nosso amigo Daniel também.
- As drogas deram aos beats o que eles mais precisavam: relaxamento do corpo e ampliar a imaginação. Mergulho fora do tempo na tranqüilidade...
- Como eu dizia do **Mangubeat**: uma prosódia baseada na fala popular, o antiacademicismo e aparente antiintelectualismo. Conciliou o maldito e o olímpico, produzindo influência musical e comportamental. Com ele aprendemos a amar novamente nossa cidade, nosso estado, nossa loucura e nossa sanidade!
- Se Chico tivesse continuado vivo, será que a **MTV** ia continuar dando apoio a ele e a revista americana **Spin**? E os jornais?
- Vamos mudar de assunto.
- Nós fazemos parte do Romantismo, do mesmo jeito que Alencar e **Castro Alves**.
- Como assim?
- Nada na vida se acaba.
- Você está bêbado...desde ontem. Não é, meu filho?

- Eu sou aquela barata bêbada de **Kafka**, do comercial de **inseticida**, de **O Processo**, do *Admirável Mundo Novo*, de **Huxley**, do **Orwell** de **1984**, de **Carlos Castañeda**.. A musiquinha era assim: “A baratinha, iaiá, a baratinha, ioiô. A baratinha bateu asas e voou!”.
- Maconheiro.
- Gerente de banco multinacional...
- Hoje eu quero celebrar os velhos tempos. Hoje eu sou um anti-herói.
- Nossas errâncias aventurescas. Euforia psicodélica. Coisa de piratas. Monges medievais. **Índios Xucurus**.
- Outro dia eu reli o *Visions of Cody*, do Kerouac. É puro jazz. Prosódia bop!Escrita espontânea. Ioga das palavras. A persona do Neal Cassady até hoje me fascina. Há características que só aparecem na leitura em voz alta.
- Pensar que **T. S. Eliot** queria uma literatura, uma poesia impessoal. Os beat barbarizaram.
- Mas não esqueça que o lance do texto-colagem a gente encontra tanto no *Wasteland*, quanto em Kerouac e Ginsberg. E também nas letras do Mangubeat.
- Os manguboys ficaram famosos mais por sua temática e linguagem do que pelo seu estilo. Linguagem das ruas, surrealismo, teoria do caos. Tudo isso eu já falei no meu livro. A oralidade, a fala do nosso tempo. Foi isso que me chamou atenção nas letras do Chico. Sabia que o Daniel tinha uma entrevista exclusiva, e inédita com Science?
- Eu já vi.
- “Portanto, poetas, descansem um pouco & calem-se: Nada jamais surgiu do nada”, já dizia o velho Kerouac no poema “Rimbaud” de 1960.
- Sabe outra coisa que os beatniks têm em comum com o pessoal do Mangu? E até com nós outros?
- Sei: nenhuma mulher fez parte do grupo. E o livro que Daniel deixou para publicar?
- Os escritos *psicosensoriais*... ele disse que rapsodiaria a nossa realidade. Seja lá o que for, ele escrevia bem.
- Da última vez que eu o vi ele me mostrou. O texto era um choque térmico entre forma e fundo: límpido, frio, plano, regular, quase sem estilo.
- E o assunto? Do que trata o tal texto do Daniel?
- É a história da nossa geração e é uma homenagem ao Movimento Mangu e aos **Beatniks**.
- A namorada do Daniel me lembra aquela mulher do herói do “Almoço Nu” de Burroughs...
- A Joan...
- É. Lembra quando ele brinca com ela? Em vez de colocar uma maçã na cabeça dela para dar uma flechada, ele coloca um copo e tenta acertar com um tiro e acerta é a cabeça dela?
- Como assim?
- Ele pirou a cabeça daquela menina.Ele era doido e pagou com a própria vida os anos de loucura que viveu.
- Like a Rolling Stone. Como aqueles personagens Dean e Sal, do *On the Road*...
- Os **Rolling Stones** pegaram tudo dos beatniks e dos negros. Por que não teve nenhum negro beatnik?

- E quando a gente inventou aquela banda? Uau! Pode não ter dado muito certo, mas foi uma loucura. Ah, cara A poesia sempre só tem a ganhar quando se junta com música. Os poemas de Homero foram recitados assim.
- Cá estamos: num dia de chuva, indo para o enterro de um grande amigo que morreu de overdose em pleno século vinte e um! E estamos com o pé na estrada, exatamente como fazíamos há mais de vinte anos. A diferença é que hoje só fazemos nos fins de semana e nas férias...
- Aquilo está no nosso sangue para sempre.
- E aquela briga em **San Francisco**? Você quebrou a cara daquele professor.
- Ele veio falar mal do Brasil.
- Você estava era muito doido...
- Foi o meu último ato como delinqüente juvenil.
- Esta é a velha estrada: suja e misteriosa, ao mesmo tempo tão óbvia...só faltam as anfetaminas e a marijuana...
- Por falar nisso...
- Não!
- “Ó estrada minha e de todos não tenho medo de deixá-la. Hás de ser para mim mais que o meu poema”, **Walt Whitman**...
- Sabia que ele era homossexual?
- Não. Só contaram para você.
- Eu às vezes penso em fazer como Thoreau. Ficar isolado da civilização. Oito anos e meio vivendo numa cabana. Sem contas, eletricidade, nada. Do alto da colina vendo as construções. O homem e seus negócios me irritam: igreja, Estado, comércio, agricultura, política- folgo em ver o espaço insignificante que ocupam na paisagem.
- Eu queria ir pra o México. O peiote, os índios, as pirâmides
- Pobre **México**, tan lejos de Dios, tan cerca de Norte América!
- Mangubeatnik: máquina que mata fascistas!
- Fascista é a puta que lhe pariu!
- Eu não estava me referindo a você!
- Então por que olhou para mim? Seu idiota!
- Calma: todos querem pão e rosas, não é verdade?
- Quando eu era mais moço diziam que esta minha ansiedade iria passar. Agora que vou completar quarenta vejo que isso é mentira. A estrada me fascina cada vez mais. Sem viajar eu não sou ninguém, cara. A estrada é o meu SATORI, meu súbito despertar...
- A carroça de maçãs como um anjo numa vassoura. Rua louca sem nome, estadias estradeiras de **Ferlinghetti**, homens sanduíches, banhistas antiquados, imagens surrealistas, labirinto da solidão. Percorrendo este mundão real com meu coração irreal. Puta merda. Eu estou bêbado pra caralho, cara. Tô até com vontade de chorar.
- Minha gente: vamos embora. É melhor.
- Mas a conversa está tão boa...
- Quando chegar ao topo da montanha continue subindo. Você e seus nós mentais. Para o inferno!
- Esta sua insatisfação visceral, este seu interesse pelo Zen, esta história de que toda a vida é sofrimento isto mais parece aquele livro de Kerouac: *The Dharma Bums*. Dharma significa “Verdade”, o que é. Karma...

- Você parou no tempo e no espaço. A única merda que você conhece de literatura são esses escrotos desses beatniks, é?
- Nós éramos os representantes deles no Brasil no começo dos anos 80. Como é que eu posso esquecer?
- Porque já faz 20 anos.
- O tempo é uma ilusão. Ainda detenho os direitos autorais de duas das obras beat.
- Venda para a **Globo**. É o melhor que você faz.
- Eu ainda vou filmar aquelas histórias.
- Você é um péssimo cineasta. Eu não gostei daquele seu curta- metragem...
- Você é um pulha...
- Eu vou rezar por você
- Ora...Guarde suas orações para quem precisa delas, não para mim. Seu fracassado!
- Pensar que eu já estudei japonês e chinês, e agora não passo de um candidato a monge, bêbado!
- A saída de todos os problemas é beber leite.
- O **Zen** é antiintelectualista: aceita a vida sem teorias explicativas, que a tornam chata, impedindo o seu fluir descontínuo...
- Meu irmão: você é um gênio.
- Isto não é meu. Eu li em algum lugar
- Mesmo assim: é uma honra ser seu amigo, sabia?
- Os japoneses fundiram duas grandes tradições da China e da Índia surgiu o Zen! Somos ajudados pelo que não é a usar o que é.
- Isso é mais confuso que Confúcio.
- Trocadilho é a pior forma de literatura.
- Zen quer dizer meditação. Contemplação, sabedoria.
- Todas as religiões contém noventa por cento de fraude, já dizia Gary Snyder.
- E daí...Que conversa mais doida!
- Deixem-me recitar um haicai de Moritake..
- Não. Por favor. Nos poupe.
- “Uma flor caída/Voltando para o galho?/ foi uma borboleta”
- Que comovente.
- O músico oriental aprende imitando o professor, não pela leitura das notas...
- Eram outros os tempos, não?
- A espontaneidade, cara, é o que une o Zen, à escrita automática dos surrealistas e à prosa espontânea de Kerouac.
- Você está obcecado. Pare. Tome um copo d’água. Você está parecendo um hippie maluco.
- Ao contrário dos beatniks, os hippies eram filhos mimados de uma sociedade próspera...
- Ou enfeitados em busca de paraísos artificiais...
- Sabia que o Allen Ginsberg namorou o Bob Dylan?
- Você disse...
- Você parece um palhaço com a terceira visão piscando.
- O ácido lisérgico destruiu sua noção do que se deve ou não falar. Você está é muito doido.

- Lembra daquele filme que a gente assistiu no cinema da Aeronáutica nos anos 70? Os assassinos do raio azul. Sobre uma turma que tomava ácido e anos depois vieram estranhos efeitos...
- Aquele cinema era ótimo. Não tinha censura.
- Proponho mais um brinde para o Daniel. A ele, que não sobreviveu!
- O filho da mãe. Como é que ele pôde, através desse escândalo cósmico, morrer?
- Nós, filhos da contracultura, somos todos uns maus perdedores.
- Eu sou um vitorioso: eu não choro pelo passado. Faço como **David Bowie** fez nos bons tempos: lamento pelo futuro. Estes jovens de hoje não estão com nada!
- Nossa geração foi importante: promovemos a revolução na linguagem e nos valores. A liberdade numa época em que ou você era de esquerda ou de direita, estabelecemos uma nova relação entre a poesia e a vida. Deixamos a lava e cinza da poesia espalhadas pelo Recife...Selvageria extraliterária. A gente curtiu pra caralho. Orgia pura, meu.
- Eu trouxe uma cópia do email que o Daniel mandou para mim pouco antes de morrer. É uma parte do estudo dele que compara o movimento Mangubeat com os autores beat.
- Quantas páginas?
- Seis.
- Lê um pedaço dessa porra enquanto a gente acaba a merda desta bebida e paga a conta.
- Lá vai:

**“MANGUEBEATNIK: A INTERZONA!**  
**(“Manguebitnik Generation”)**  
**50 Anos da Beat Generation**  
**10 Anos de Mangubeat**  
 APOSTANDO A ÚLTIMA FICHA NA JUKE BOX DA SOPARIA

*Se não houvesse um Deus, seria necessário inventá-lo.*  
 Voltaire.

Reunidos em lugares como o Cantinho das Graças ou na lendária Soparia do Pina, ou do Bar do Caranguejo em Candeias, alguns amigos trançaram os rumos que abalariam os alicerces das concepções artísticas no Recife no início dos anos 90.

O termo Mangubeat logo seria conhecido pelo Brasil inteiro e viraria marca registrada de artistas que dentre outras coisas admiravam a geração beat principalmente os autores como Kerouac e William S. Burroughs. O livro “On The Road” tivera sua 1ª ed. em português nos anos 80 e a editora Brasiliense havia relançado vários autores da Geração Beat, que voltavam a influenciar os autores brasileiros. “Pergunte ao Pó”, de John Fante, mostra um herói que tem tudo a ver com os personagens marginais que pululam nas letras de Chico Science e Fred Zero Quatro, dois poetas, líderes do Mangubeat.

Science vinha desde os anos 80 “Antenado” com a cultura Underground norte-americana. O **Rap** e o **Funk** faziam a cabeça daquele rapaz que aqui no Recife não esquecia suas raízes culturais, como o Maracatu, por exemplo, nas percebeu que alguns

artistas ianques da classe menos favorecida, que ficava às margens do mainstream, aprenderam a transformar em poemas, e no caso dos beatniks, também em romances, as aventuras das ruas, dos bares, dos guetos.

O momento chegou para a geração mangue quando em 93 Science assina com a **Sony Music** e os mangueboys invadem São Paulo.

Se o movimento, que havia lançado seu 1º manifesto – release em 91 e já se articulava bem com a mídia e com os produtores independentes a mundiais, a partir do lançamento do CD “Da Lama ao Caos”, a geração Mangubeat dava seu passo mais largo em direção à batida perfeita que eles perseguiam.

Do mesmo modo como nos romances “Pergunte ao Pó” de Fante, o herói do mangue vive o universo dos bares, dos esquecidos da sociedade, da busca da emoção mais verdadeira, da vida bandida que Bukowsky mostraria nos seus textos.

Do mesmo modo que “Beat Generation” foi inventada por Kerouac em 1948 e foi apresentada ao público no artigo que o amigo dele John Clellon Holmes escreveu para o The New York Times Magazine em 1952 (“This Beat Generation”), Fred e Science contaram com o apoio do Jornal do Commercio do Recife para começar o “Movimento Mangubeat”, que evoluiria em muitas direções durante uma década.

O Mangubeat, nos moldes da beat generation (que tinha este nome porque, dentre outras coisas, por significar “derrotado, ou, como queriam alguns, beatitude), usava palavras que normalmente só eram usadas por pessoas das classes menos favorecidas. Por exemplo, na letra da música “Banditismo por uma questão de classe” o poeta Science usa a palavra “Fodido”, só para citar uma pequena exemplo.

A “Batida” (Beat) se espalhou entre aqueles que buscavam a crítica social e desprezavam as afetações burguesas. Então, nos moldes dos beathiks, a geração mangue usou criminosos, como **Lampião**, Biu do Olho Verde, Galeguinho do Coque, e outros, como modelos a serem incorporados ao eu-lírico. Como os marginais do romance “Almoço Nu” de Burroughs, as barbaridades são sublimadas em nome da doídice generalizada da sociedade.

Para o mangue chegaram, com os anos 90: Os CD’s. A MTV, a McDonald e a Internet traziam o estilo americano para o seio de Recife. O **Grunge** explodia como movimento em Seattle(EUA). Começava a última década de um século que presenciou grandes transformações. Os poetas cansados, ergueram mais uns copos de cerveja e começaram algo que a poeira do esquecimento nunca encobrirá totalmente.

Ficção ou poesia, o drama social de homens que buscaram descrever o cotidiano da estrada, da rua, com sua linguagem dura, sua falta de dinheiro. Em livros ou em CDs, que importa? Era **Mangubeatnik!** Pronto.



Trocar idéias, discos, revistas e livros faziam partido Grupo Manguê (Fred, Chico, Renato L, Mabuse, Helder Aragão e Jorge **dü Peixe**). Algo que lembrava os tempos do **Village**, onde os beats se reuniam para “segurar a onda” uns dos outros, ler seus novos textos, fazer performances (Como o grupo recifense que elegeu o **Espaço Oásis**, em Olinda, o **Arteviva** e a **Soparia** do Pina, Recife, para exibir seus trabalhos), encontrar novas pessoas e se interessar por elas, fortalecendo assim uma corrente de pensamento. Fortalecendo uma atitude grupal. É claro que, como Burroughs, haveria manguéboys de primeira instância que negariam no futuro qualquer ligação maior com o movimento. Mas isto é outra história.

O Manguébeat desponta no Brasil no final dos anos de chumbo, do mesmo modo que os Beatniks enfrentaram o McCarthismo pós-guerra nos EUA e abrir as portas para novas percepções.

A psicodelia, que Ginsberg e **Timothy Leary** propagaram já nos anos 60, influenciou Chico de tal forma que ele criou a estética afrociberdélica, letras psicodélicas, cibernéticas, estética afro, diluída num som cheio de efeitos.

O desconforto, a ruptura com a velha realidade e a criação de um novo modo de ver as coisas desnudando-as. Era o espírito dos rapazes que queriam aventuras e se posicionavam contra aqueles que queriam roubar dos pobres seu bem mais precioso: a liberdade.

Artistas criando seu próprio universo: os beats mostravam que não eram só as grades das prisões que mereciam uma revisão. Os valores sociais precisavam de novo padrão, este fatalmente iria de encontro ao consumismo, não o respeitando, mas negociando numa dialética bem particular, nova, diferente.

Havia muita gente sem trabalho, sem segurança e sem felicidade, tanto nos **EUA** Beatnik quanto no Recife Manguébeat. Mas tanto a águia americana quanto o gigante deitado eternamente em berço esplendido (Brasil) na terra dos altos coqueiros (Pernambuco) fincados no mangue (Recife) tinham no seu colo alguns artistas desvalidos que pediam uma vida menos bandida, logo! E foram buscar na música negra, quer fosse o **jazz** dos beatniks ou no maracatu, funk, rap, soul dos manguébeats. Queriam a chance de gritar poesia e clamar por liberdade. Andar num mundo mais livre.

Valia a pena para isso correr vários riscos.

“Freedom is just another word for nothing left to lose” disse Kristoferson na letra de “**Me and Bob Mcgee**”, interpretada por **Janis Joplin** no seu álbum – testamento (Pearl), uma canção pra lá de beat. Janis que levava às últimas conseqüências os ideais de sua geração beat/hippie. Viajar, em todos os sentidos, é o que propuseram os manguébeatniks, também.

E o esforço anárquico manteve a chama acesa excitando e aquecendo quem deles se aproximar até hoje.

## II

### DROGAS, CRIMES, SEXO E LITERATURA, O BIZARRO COMO UM ESTILO DE VIDA

O que Allen Ginsberg enfrentou, desde outubro de 1955, em San Francisco, quando pela primeira vez fez uma leitura pública do “Uivo”, a geração manguebeat, também enfrentava o problema de toda e qualquer nova geração: provar que tinha algo novo e eficiente para mostrar. Tornar-se independente.

Na intrigante expressão facial de Chico Science, no seu jeito de cantar, no que ele dizia sobre a malandragem e o trabalho, sobre a condição de vida na Manguetown (modo como a geração manguebeat chamava Recife) e dos mangueboys, vemos estampada a **atitude**, o desafio.

Rotular “Mangue”, ou “Beat”, uma geração é fazer dela parâmetro, farol. Conseguir transformar um conjunto de comportamentos, num adjetivo. Uma **poesia crua, nua**, apostando a última ficha numa **juke Box de um** bar como foi a lendária **Soparia do Pina**, de **Roger** de Renor, onde a *geração* manguebeat se encontrou, naquele início dos 90.

Viver na boemia e sendo ágil como um caranguejo. Não ter medo do excêntrico, do tedioso, do ceticismo, do cinismo, de reconhecer que a paz nas ruas era apenas para disfarçar o cansaço diante da injustiça social transformada em máquina de explorar pobre e que cara pobre desses tinha, ou poderia expressar, sua visão diferente do mundo. Uma idéia na cabeça e um bom canal de expressão à mão.

Se o beco não tinha saída, o lance seria dar meia volta e **cair na estrada** novamente. Pois estar na estrada é não estar perdido, é estar procurando.

O que o Manguebeat procurava era a atitude certa, coisa que a passividade recifense havia esquecido de fazer desde os anos 70, quando grupos como **Ave Sangria**, capitaneados pelo poeta Marco Pólo, e os escritores publicados pela “**Edições Piratas**”, como o poeta Manuel Constantino, criavam novas perspectiva nos meios intelectuais dos bares, das ruas, da mídia.

O mergulho no álcool, na brincadeira, e até mesmo a visão das drogas, o trabalho alternativo, ou nenhum, a produção independente ou o respaldo de uma grande editora, uma gravadora, tudo ia circulando ao redor dos manguebitniks. A desilusão se transformando na vontade de curtir uma nova experiência, psicodélica, africana, cibernética, existencialista, uma viagem para dentro da própria sua condição e curtir várias possibilidades do ser.

Como no filme “The Wild One”, com Marlon Brando, onde um motoqueiro “Beat” e sua turma chegam para tomar cerveja e agitam numa cidade americana. Ele tem até um troféu, mas a vontade de desafiar o sistema é bem mais importante. Foi assim com Jim Morrison, com James Dean (ícone beat), com Cazuzza e Renato Russo (rock dos 80) e com Chico Science e Fred Zero Quatro, da manguebeat generation.

“Only the most bitter among them would call their reality a nightmare and protest that they have been indeed lost something, the future”. Disse John Clellon Holmes no artigo “This is the beat generation”, in the New York Times Magazine 16/nov/52. Artigo que introduziu a expressão “Beat Generation” para o mundo onde ele afirmava que para eles era mais importante “como” viver do que “por quê”.

Não era falar sobre o cansaço e sim em como se tornar mais ativo e ativista: o mangubeat foi o *plano* que todos esperavam.

Nem se conformar nem destruir: **antelar-se** e relaxar, parecia ser o melhor caminho para ambas as “gerações”.

Se a guerrilha que **Zeroquatro** e Chico exaltavam não podia ser uma revolução armada, então seriam poesia e som com “gosto de gás” (com toda vontade) como “Bala que já cheira a sangue” (Trecho de uma letra de Science).

Zeroquatro parecia com o narrador do romance “On The Road” (“Pé na estrada” na tradução para o Brasil), Sal Paradise, que parte de New Jersey para San Francisco, antes parando na casa de um amigo, Dean Moriarty uma espécie de Chico Science, que mora em Denver, e curte a vida. (Dean é inspirado no Beatnik Neal Cassady). Em Dever ele encontra Dean e Carlo Marx (inspirado em Allen Ginsberg) que poderia ser qualquer outro manguboy como Renato L ou **Jorge dü Peixe**, ou **Hélder Aragão (DJ Dolores)**. Os três curtem Denver, como os *caranguejos com cérebro* (os jovens do mangu), curtiram Recife.

Dean e Sal precisavam de um lugar para ficar e ainda pensam dar um salto para a Itália. Mas a estrada americana é tudo que a realidade lhes oferece. Chico, Fred, Renato, Helder, dü Peixe e Mabuse aqui no Recife armavam as estratégias de ataque. O manifesto em 91, o CD e o lançamento do movimento em São Paulo e no Rio de Janeiro em 93. O Jazz que Sal curte com Duke Ellington em Chicago, era o som de Nick Cave e tantos outros que Chico curti em Recife.

*Digo sem receio que conheço esse meio / entre os balões onde repousam garrafas /  
com mesa servindo pra bancadas / se respondem as batidas com os calcanhares / é  
sempre aí que não deixo sobrar nada // a lâmina corria / a vista escurecia / e a  
multidão nem via / se espremia toda a cidade / caranguejo em praia, não faz  
bondade // pisou macio com esperteza gravitacional / pisou macio com leveza pra  
não se dar mal // os ecos sentavam ao lado dos barracões / e as donas  
reverberando, virando os olhos / com opiniões // nas quebradas com sua pastorinha  
no bolso / o caranguejo na praia das virtudes // sem medo, sem medo...*

(Jorge Dü Peixe em “Caranguejo na Praia das Virtudes” do CD “Rádio S. Amb.A (Madame Satã”). Serviço Ambulante do **Afrociberdélia**”. (YBRAZIL?MUSIC,2000) a **INTERZONA**, Inc. Nação Zumbi.

Carne preta seca em pó da **lacraia aquática gigante brasileira**, citada por Burroughs em “Naked Lunch”, a **interzona** que este autor sugeriu neste romance. Americanos gostam de viajar, mas só querem encontrar outros americanos para reclamar da dificuldade que é achar um hamburger decente para comer. Ah, os rapazes da Interzona!

Humor Afrodisíaco : agente interzonal.

Esporádicas alucinações?

Bem-vindo ao clube! Ele está cheio de máquinas escrever mutantes e dopadas.

Penitência?

Ansiedade?

Psicodelicanálise?

Há em tudo isso um **paradoxo ético** (étnico)? Transtético!

Todos saem do ar na interzona.

Foi algo assim que eu quis criar, comparando Mangubeat com Beatnik.

Uma filosofia de uso de drogas em relação ao trabalho artístico. Algo que está além de tal “carne preta” de Burroughs, da estrada de Kerouac, da lama e dos caranguejos de Science e Zeroquatro.

E que ao mesmo tempo unisse todos num mar de letras: seguidores e autores, norte-americanos (funk, rap, soul, jazz, literatura beat) e brasileiros (maracatu, cavaquinho & muito mais), numa mesma **batida!**

Vamos questionar os princípios básicos do que se convencionou chamar realidade.

Nossa América não é um Mundo Novo!

Ela já era velha, suja e má, como disse Burroughs, “mesmo antes dos colonizadores e dos índios”.

Esta **Interzona Mangubeatnik** também é meio suja e cheia de surpresas. Fugir dela hoje em dia é omitir parte da nossa história, decepar parte do nosso corpo cultural.

Mesmo perdendo os canais de expressão, o sofrimento do cérebro, que transparece nos olhos tristes, dá ao rosto do que são obrigados a se calar, um jeito de caranguejo parado no asfalto quente.

Patras na estrada! Podemos não saber aonde estamos indo, mas chegaremos lá!

**Interzona Mangubeatnik**: metáfora da ligação política, da nova ordem.

- A gente devia editar isso como aqueles livrinhos mimeografados do início dos anos 70...
- Temos que juntar com o resto que ele deixou. Estas seis páginas a gente podia tentar publicá-las num suplemento cultural desses como o do diário oficial...
- Eu me lembro de vocês vendendo aqueles livrinhos mimeografados pelos bares. Era ridículo! Aqueles panfletos revolucionários. Se não fosse o pai do Júnior ser general, esta hora vocês estariam mortos. Esquerdistas de **Boa Viagem**. Leitores medíocres do **Pasquim** e de Millôr Fernandes. Adeptos de Chico Buarque sem champanhe *Veuve Clicquot*...de Costa Gravas de A até Z. Mais doidos que os discos dos mutantes e de Gil, juntos. Sacudindo genitais e manuscritos. Foder, é o que vocês queriam, e faziam, em todo lugar. Seus filhos bastardos do dólar heterossexual.
- Hei! Isso é Ginsberg, cara. **O Uivo**: “Caminharam a noite toda com os sapatos cheios de sangue esperando que uma porta se abrisse. Jogaram seus relógios do telhado fazendo seu lance de aposta pela Eternidade fora do Tempo & despertadores caíram em suas cabeças por todos os dias da década seguinte. Cortaram seus pulsos sem resultado três vezes seguidas. Mandaram brasa pelas rodovias do passado viajando pela solidão da vigília. Abraçamos os Estados Unidos sob nossas cobertas. Os **Estados Unidos** que tosem a noite toda e não nos deixam dormir. Despertamos

eletrocutados do coma..eles vieram jogar bombas angelicais. Ó legiões esqueléticas, correi fora. Ó choque da misericórdia- salpicado de estrelas, a guerra eterna chegou. Ó vitória, esquece tua roupa de baixo, estamos livres.

- Nós atravessamos o inferno. Muitos de nossa geração ficaram malucos.
- Vejam o Smith: um anjo ansiando pelo antigo contato celestial.
- Nos meus sonhos, todos os nossos que foram derrotados ou estão lutando em vão até hoje, caminham gotejantes de uma viagem marítima até a porta da minha casa, nesta incrível noite.
- Emoções baratas, cara. Emoções baratas.
- Garçom. A conta!